

Dos vícios da linguagem

Chamam-se *vícios de linguagem* as irregularidades da lingua, produzidas pelo linguajar do vulgo ou por ignorancia, distracção ou máo gosto de éscriptores pouco escrupulosos.

Os principaes *vícios* commettidos na linguagem falada e escripta são o *solecismo*, o *barbarismo*, a *cacophonia* e a *ambiguidade*; mas, em verdade, o numero é infinito.

1. — SOLECISMO

O *solecismo* é um vicio syntactico commettido quando se não observa a concordancia ou a collocção grammatical dos vocabulos. Não é muito raro, até em bons autores, achar construcções como estas:

“Tu e o teu amigo são pessoas de bem” (sois pessoas)
 “As fazendas e o dinheiro eram muitas.”

E’ tambem frequente empregar viciosa e promiscuamente *tu* e *você* no uso epistolar, e *the* em vez de *thes*, como se fazia antigamente; ha, com referencia ao plural, em Camões:

Promettido *the* está do Fado eterno.

Lus., I, 28.

Ha solecismos historicos que estejam approvados pelo uso?

Querem muitos que na expressão *ha homens* exista um puro solecismo consagrado pelo uso, e apoiam-se no facto incontestavel de que, em taes casos, o verbo *haver* tem hoje o sentido anti-etymologico de *existir*. Tem-n'o decerto, mas não o teve em outros tempos. (Vide Syntaxe dos verbos.)

Mas, que são as *syllapses* senão solecismos que o bom uso ennobreceu ?

2. — BARBARISMOS

Chamam-se *barbarismos* as expressões tiradas de outras linguas e que constituem vicio quando os vocabulos estranhos não são indispensaveis.

Os mais que occorrem são naturalmente *latinismos*, *anglicismos* e *gallicismos*.

Os latinismos podem ser de vocabulos, como:

LUDOS por — divertimentos publicos (*ludum*).

Empregado por O. Mendes.

CESPEDE por — torrão, terra. Empregado por Diniz: O patrio cespede (*cespes, lat.*).

Os *latinismos* tambem podem ser de construcção. E' o que se nota em certas inversões ousadas, pouco proprias da indole da lingua.

Eis um exemplo:

Entre todos com o dedo eras notado
Lindos moços de Arzilla em galhardia.

(Quevedo Mousinho.)

Em vez de: em *galhardia eras notado entre todos os lindos moços*, etc.

No seculo XVI, na época em que a lingua soffreu a mais intensa approximação do latim, por influencia do renascimento classico, usou-se um pouco descomedidamente da ordem

inversa. João de Barros condemna a seguinte construcção, como exaggerada, e da auctoria de um letrado:

“Dá-nos, Senhor, aquella a qual o mundo não póde dar paz.”

E' o vicio que Barros denomina, conforme a rhetorica, *caco-syntheton*.

Alguns dos latinismos são puros hebraismos transmittidos pela Biblia, como os de gráo nas expressões *vaidade das vaidades*, *seculo dos seculos* e a locução *quanto mais*: “Adhuc vivente me... semper contentiore egistis contra Dominum, quantum magis cum mortuus fuero”.

Anglicismos são palavras tomadas inutilmente da lingua ingleza: *water-proof*, *rail*, *sleeping-car*, etc.

Galicismos são as expressões e modos de dizer da lingua franceza introduzidos no idioma. Por terem importancia maior, d'elles trataremos em capitulo especial.

Cacophonia é um vicio resultante do encontro de vocabulos que no conjuncto se prestam á formação de termo inconveniente ou desagradavel.

Alma minha gentil que te partiste.

(Camões)

Todo o som desagradavel é *cacophonico*. Entretanto, muitos são os pedantes que esmiuçam nos autores *cacophonias* inevitaveis ou sem importancia. O exemplo de Camões é uma dellas.

O **echo** é a cacophonia que resulta da repetição das mesmas syllabas ou letras:

Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

Lus., III, 3.

Uma das especies de echo é a rima na prosa: O grande mal desta capital... A consideração que todos dão a esta *questão*... etc.

A *collisão* resulta da repetição das letras surdas *rr* e *ss*.

De modo que d'alli, *se só se achara,*
Outro novo Codigo se gerara.

Lusiadas, II, 42.

O *hiato* resulta da successão de vogaes que formam *syllabas* distinctas:

Foi o aio á aula...

Outros vicios existem, numerosos, como a construcção de phrases por *monosyllabos* ou, ao contrario, por palavras longas, *sesquipedaes*, etc. Tambem de *vicios* se convertem em qualidades, quando se ajeitam em *onomatopéas* e em outros *effeitos* oratorios e poeticos.

XVI

Gallicismos

Gallicismos são expressões e modos de dizer tomados da lingua franceza.

Muitos e varios foram necessitados pelo desenvolvimento do progresso universal, ou pelo incremento das relações entre os povos latinos que a França espiritualmente domina; outros, porém, foram introduzidos por descuido, ignorancia das fontes classicas, pelo máo gosto dos escriptores ou ainda pelo capricho da moda.

Gallicismos de palavras. — São numerosissimos e, dir-se-ia, hoje inevitaveis. Citemos alguns exemplos que mais occorrem e são de uso commum:

- | | |
|-----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Banal</i> | — em logar de <i>trivial</i> , <i>vulgar</i> , etc. |
| <i>Audacioso</i> | — por <i>ousado</i> . |
| <i>Bem-estar</i> | — por <i>prosperidade</i> . |
| <i>Bom tom</i> | — por <i>a moda</i> , <i>o uso das pessoas educadas</i> . |
| <i>Bonhomia</i> | — por <i>bondade</i> , <i>tolerancia</i> . |
| <i>Chicana</i> | — por <i>trapaça</i> , etc. |
| <i>Comprometter</i> | — é gallicismo nō sentido de <i>arriscar</i> , <i>deixar a qualquer em má posição</i> . |
| <i>Esquecer</i> | — é gallicismo, usado como verbo transitivo. <i>Esquecer o chapéo</i> por <i>esquecer-se do</i> . Mas é de bom quilate: <i>esqueceu-me o chapéo</i> (ou <i>esqueci-me do chapéo</i>). |
| <i>Fazer</i> | — por <i>consistir</i> . Isto <i>faz a sua alegria e fará o assumpto do romance</i> . |
| <i>Voluptuosidade</i> | — é gallicismo. Bluteau propoz a palavra de certo mais bella: <i>voluptade</i> . |

<i>Brusco</i>	— é gallicismo, quando empregado com o sentido de <i>rápido, ligeiro</i> . Brusco significa propriamente <i>escuro</i> .
<i>Debutar</i>	— por <i>estrear</i> .
<i>Confeccionar</i>	— quando empregado no sentido de <i>elaborar</i> um trabalho artístico ou literário.
<i>Trem</i>	— é gallicismo, no sentido de <i>maneira de viver</i> <i>conducta</i> .
<i>Comportamento</i>	— no sentido de <i>procedimento</i> .
<i>Bouquet</i>	— em vez de <i>ramalhete</i> .
<i>Coalição</i>	— em vez de <i>colligação, liga</i> .
<i>Deboche</i>	— por <i>devassidão, corrupção</i> .
<i>Picar</i>	— em vez de <i>presumir-se</i> .
<i>Pretencioso</i>	— por <i>presumpçoso</i> .
<i>Gallimatias</i>	— por <i>palanfrorio, confusão de palavras</i> .
<i>Susceptível</i>	— por <i>irritadiço, etc.</i>
<i>Felicitação</i>	— em vez de <i>parabens, congratulações</i> .

Note-se que muitos gallicismos estão adoptados pelo uso geral: *felicitação, banal, fatigante, complacente, installar, conducta, ponto de vista, bandido, descoberta, genio, inabalavel, garantia, audacioso*.

De muitos dos gallicismos só se encontram exemplos de uso em Portugal: *pressante, travez, portamantô, entestar, gare*.

No castelhano notam-se gallicismos, como *remarcable, acaparar, rango* (GRAM. DA ACAD., 1883).

> Os gallicismos de construcção mais notaveis são os seguintes:

1. O uso da preposição *por* com os verbos *tremmer, receiar*. Receio *por* elle, temo *por* elle. Felizmente *por* ou para elle, em vez de: por felicidade *sua*, etc.

2. O uso da preposição *a* por *de* nas expressões: caminho *a* bitola estreita (*de* bitola estreita).

Equação a duas incognitas (por *de* duas incognitas). Geralmente accèito.

3. O vezo de repetir a conjunção *que* das proposições subordinadas: Disse que saia, *que* tinha muito que fazer, *que* voltaria á noute.

Comtudo, ha exemplos nos classicos, mas com sobriedade.

4. O uso da preposição *a* em vez de *que*: tenho *a* dizer, em vez de: tenho *que* dizer; tenho *a* relatar, em vez de: tenho *que* relatar. E' muito admittido.

5. O uso das construcções seguintes:

Sem vós, morreria.

Sem ti, chegaria mais cedo.

Em vernacula, seria melhor dizer:

Se vós não fosseis, morreria.

Se tu não fosses, etc.

ou tambem

Sem a vossa ajuda, etc.

Sem o vosso auxilio...

Está, comtudo, admittido pelo uso geral.

6. O habito de empregar sempre claros os pronomes sujeitos é um gallicismo vicioso:

Eu parti; tu não devias estranhar que elles ficassem.

Seria mais elegante dizer-se:

Parti; não devias estranhar que ficassem...

Por emphase, póde-se admittir o uso dos pronomes, sem incorrer em gallicismo.

7. O uso da preposição *sobre* depois do verbo *descer* é um gallicismo:

Jesus desceu *sobre* a terra. (1)

— E o uso de *sobre* em lugar de *conforme*, *segundo*: *sobre* o modelo — conforme o modelo.

O uso da preposição *sobre* é ainda gallicismo admittido nas seguintes expressões:

Ganhou terreno *sobre* o inimigo.
=ao inimigo.

8. O uso da preposição *em* como signal de opposição:

Redactor *em* chefe.

Em Portugal já se escreveram os gallicismos: *falar em philosopho* = *falar como philosopho*, etc.

Outros gallicismos de *em*, justificaveis e bem acceitos: *o facto em discussão*, em vez de: *o facto que se discute*; *estrada em construcção*, por: *estrada que se está construindo*; o objecto *em questão*, etc.

Estes gallicismos quasi todos, como se vê, estão admittidos no uso vulgar.

9. São ainda gallicismos de uso constante as construcções: estar *ao facto*, estar *ao corrente*. Em vernaculo diz-se: estar em dia, sciente.

10. É gallicismo a expressão: *Conto contigo*, *conto com elle*.

11. O uso indevido de proposições affirmativas, como: estou muito cansado para andar. De-

(1) Apesar disso, com o verbo *descender*, faz-me notar Jacques Raimundo, a syntaxe camoniana:

Isto dizendo irado e quasi insano
Sobre a terra africana descendeu.

ve-se dizer: estou *tão* cansado que *não* posso andar.

12. Certas inversões são gallicismos e contrarias ao bom uso classico: *foi* assim que viveu, *foi* com esta idéa que partiu. Deve-se dizer: assim foi que viveu; com esta idéa foi que partiu.

13. A falta de simultaneidade de tempos nas proposições: E' isto que *incommodou* (*Foi* isto). E' Jesus quem *dizia*. (Era Jesus...) etc. Este, foi sempre repellido do bom uso.

Existem gallicismos curiosos, determinados pela leitura de livros francezes. A orthographia *Montes Ouraes* deve ser substituída por M. Uraes; os nomes latinos *Bruto*, *Junio*, ás vezes por gallicismo têm apparecido na lingua com as transcripções *Brutus*, *Junius*, etc. Mas é tambem vernaculo.

Muitas das fórmulas de nomes proprios são usadas hoje em dia com a transcripção franceza ou ingleza: *Mayença*, por *Moguncia*; *Canterbury*, por *Cantuarria*; *Bordeaux*, por *Bordéos*; *Anvers*, por *Antuerpia*; *Bale*, por *Basiléa*. E' baldada a tentativa de restaurar os antigos nomes.

São transcripções francezas: *pachá*, *kandjar*, *alcazar*, por *bachá*, *alfange*, *alcacer*.

Os erros d'essa ordem abundam maiormente nos termos geographicos: *Timboctou* por *Timboctú*; *Esquimó* por *Esquimó*, etc.

Força é confessar que, apezar da reacção dos grammaticos, os gallicismos vão sendo adoptados na lingua escripta e em grande numero já correm na linguagem popular.

O gallicismo é, além d'isso, um facto justificavel. A renovação litteraria do seculo XVI teve por base a imitação da *arte classica* antiga; os latinismos foram as mais notaveis consequencias d'essa phase e d'essa escola litteraria. Os nossos classicos latinizaram (é italianizaram) a lingua de tal fórma que um seculo foi apenas o sufficiente para que o portuguez se afastasse da lingua antiga e se tornasse lingua inteiramente nova.

A renovação litteraria e scientifica dos seculos XVIII e XIX devia igualmente produzir analogos resultados. No seculo actual o movimento *romantico*, opposto ao classico, veiu da França, pelo menos para as populações do sul da Europa.

E' a França a patria dos modelos em letras e em sciencias para os paizes latinos secundarios, que não têm movimento literario original.

E' facil ver, pois, que o *gallicismo* é no seculo XIX o resultado da educação do povo pelo espirito francez, do mesmo modo que o *latinismo* foi a educação dos letrados nos seculos XV e XVI, pela literatura latina.

Pouco valerá a razão de que a lingua se acha constituida; não é bem exacto, o character mesmo de todas as linguas é ser um super-organismo em progresso ou em decadencia, e sempre em movimento.

Outra razão que alguns philologos oppõem contra o gallicismo é que muitos d'elles são escusados e inuteis.

Mas que utilidade houve no seculo XV para substituir o vernaculo *segre* pelo latinismo *seculo*? o vernaculo *cheio* por *pleno*? Essas as contribuições, apodadas de barbaras.

Não se tenham as palavras anteriores como incitamento e animação.

Dever de todos que falam e escrevem é zelar a pureza do nosso idioma; ainda melhor é o exaggero do que a criminosa negligencia.

Comtudo, muitas expressões são classicas que têm soffrido o apodo de francezias, e em qualquer maneira, o peor nesta materia não é o emprego dos vocabulos peregrinos, mas a imitação da syntaxe estrangeira, o phrasear improprio e contrario á construcção e indole da lingua. (Leia-se a nota 162 da minha *Selecta Classica*.) (1)

(1) Os *gallicismos* continuam sempre a ser um thema predilecto de grammaticos e puristas — Um dos trabalhos mais completos é o de Laudelino Freire a quem não faltam contradictores.

A verdade é que os escriptores modernos, todos elles, commettent gallicismos de vocabulos, de syntaxe e de estylo. Comtudo é sempre de utilidade conhecer esse fugidio terreno. Veja José Rizo — *Estudos*, pags. 75, 93 e 141.

XVII

Da ambiguidade

A ambiguidade ou confusão de sentido, ainda á primeira vista, é grande inconveniencia que se deve evitar com todo o cuidado.

O meio de corrigil-a é construir a phrase differentemente e deixar de empregar os pronomes relativos, possessivos ou pessoas que forem causa (como costumam ser) da amphibologia.

Nótem-se os seguintes casos:

A. "O povo achou-se irritado contra o rei por causa de influencias perniciosas que o dominavam". *Dominavam* ao povo ? ao rei ? A ambiguidade é evidente.

B. "Se a nação não ama ao rei é porque deixa levar-se por influencias perniciosas". Ainda é ambiguo, e não se sabe quem *se deixava levar*, se o rei, se a nação; evitar-se-ia a confusão dizendo "porque *este* deixa levar-se...

C. "A mãe da menina Rosa *a quem* eu procurava".

Não se sabe se procurava a mãe ou a filha.

D. Do relativo *que* frequentes vezes não se sabe se é objecto ou sujeito: "O poder *que* lhe grangeara a victoria". Não se sabe *se o poder grangeou a victoria* ou *se foi a victoria que grangeou o poder*. Bastaria dizer, supprimindo o artigo do primeiro nome: "Poder *que* lhe grangeou a victoria".

A *victoria* é o sujeito, mas ainda assim a clareza não é perfeita, e o melhor é escrever: *O poder que a victoria lhe grangeara.*

E. Possessivos *seu, seus*; já vimos no logar devido o uso das fórmulas emphaticas, como a *sua formosura d'ella*, etc., que evitam a ambiguidade dos possessivos e incrementam a força da expressão. “E *elle* concedeu-lhe permissão de levar consigo alguns dos *seus* escravos”. *Seus*, de quem? do que concedia permissão ou de quem a obtivera? (1).

A regra mais seguida pelos bons escriptores é referir *seu* ao sujeito do verbo. Sempre o faz Camões (*Lus.* I, 27 e 41; II, 5 e 25; VI., 5 e innumerous outros). E em Fr. Luis de Souza: “Era requerido pelo sagrado Collegio dos cardeaes que abreviasse quanto fosse possível *sua* partida” (entende-se de Adriano, bispo).

Os melhores escriptores procuraram sempre evitar a confusão, como Bernardez, *Floresta*, com o pronome claro; neste exemplo refere-se a mulheres:

“Os Romanos, antigamente, vendo que por opulentos que fossem os paes e maridos, não havia panno para tão largo cortar, porque *nellas* o *seu* giz e tesoura é seu appetite e teima, saíram com a lei Opia.”

Ha, porém, excepções, e então a ambiguidade só pôde ser desfeita pela intelligencia do texto, como em Vieira, *Sermões*: “Querendo David oppôr-se ao poder de Absalão, tratou sobretudo de lhe metter um confidente no *seu* conselho.” O sentido indica

(1) Cf. a *Gramm.* castelhana de Andres Bello.

que *seu* se refere a Absalão, no que em verdade a comprehensão é auxiliada pelo uso do *Ihe*.

Deve-se acceitar como regra que a boa intelligencia do texto basta para desfazer qualquer ambiguidade. Tal é o caso de Camões:

*Entre a zona que o campo senhoreia,
Meta septentrional do sol luzente,
E aquella que por fria se arreccia
Tanto como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa...*

A' primeira vista pareceria que a *zona do meio* (a equatorial) ficaria situada entre a temperada e a frigida, quando se diz do *meio* em relação, não a essas duas, mas ao planeta.

Outra ambiguidade, que é antes um primor, se encontra nos *Lusiadas*, IX, 75:

Leonardo, soldado bem disposto,
A quem amor não dera um só desgosto
Mas sempre fôra d'elle maltratado.

Não é raro que o emprego de uma ou outra palavra possa produzir, ao primeiro lanço, alguma obscuridade, como nesta passagem de João de Barros:

"As perdas que em guerra tão justa se sentiram,
todavia *fizeram* ao Reino *tanta falta* e foram
causa de tantas lagrimas e desamparo."

Panegyricos, 33.

Fazer falta, quer aqui dizer, originar mortes ou causar perdas, damnos, etc.

Muito da doutrina e dos exemplos d'este capitulo foi tomado da grammatica castelhana de Andres Bello.

XVIII

Archaismos syntacticos (1)

(LEITURA)

“Locuções, maneiras de escrever que hoje se têm a mal, e passariam até por erros chapados, tiveram sua época entre os melhores exemplares do nosso idioma.

Na *Menina e Moça* abundam expressões como estas: “Não passou muito, *que* por aquelle logar *não veo*”. (P. 123.) “E tardou nada que uns pastores... vieram alli ter.” (P. 128.) “Teve aquella noite maneira *como... arribou á fresta*.” (P. 177.) E’ o perfeito do indicativo representando o imperfeito do conjunctivo. Quem se afoitaria hoje a imitar BERNARDIM RIBEIRO nesta substituição?

Entre os antigos o gerundio era precedido ás vezes de *em*, ás vezes de *sem*: “O sentir demanda cousas ligeiras de passar com prazer, com toda deleitação da vontade, *sem re-guardando* ser bem feito”. (D. DUARTE: *Leal Conselheiro*, p. 142-3.) Deste uso a cada passo encontramos vestígios em FERNÃO LOPES, em BERNARDIM, em DAMIÃO DE GÓES e muitos outros. Não incorreria, comtudo, em erro quem, de presente, escrevera *sem querendo, sem amando, sem sentindo*, em vez de *sem sentir, sem amar, sem querer*?

Não ha classico, dos anteriores ao seculo passado, onde não se depare amiude esta fórma: “Quebrar as treguas que tinha *feitas*. Contra os pactos que tinham *feitos*”. (D. NU-

(1) Todo este capitulo, que é uma como revisão da syntaxe historica no que diz respeito ao *archaismo*, é uma pagina da famosa *Republica do Senador RUY BARBOSA ás defezas da redacção do Projecto do Código Civil*. Damol-a como leitura substancial e util a todos quantos se deleitam no estudo da nossa lingua. (Nota de J. R.)

NES: *Cron.*, v. I, p. 362.) “Tirando os cabellos, que já tinha dados”. (*Ib.*, p. 365.) “A jurisdicção que naquellas partes tinha perdida”. (BARROS: *Dec.*, I, l. 1, c. 1, v. I, p. 11.) “D. Jorge leva a capitania de Maluco, por lha ter dada o governador”. (COUTO: *Dec.*, IV, l. 1, c. 6, p. 41.) “Outras muitas que tinha ouvidas”. (BERNARDIM: *Men.*, c. 14, p. 120.) “Tanto que os pádres... os tivessem acabados”. (SOUSA, V. *do Arceb.*, I, II, c. 13.)

“E do Jordão a areia tinha vista.” (CAM.: *Lus.*, III, 20.) “Votos que em adversidades e doença TINHA FEITOS para remissão de quantas culpas tinham commettidas.” (FERNÃO MENDES PINTO: *Peregrinação*, v. II, p. 347. Ed. de 1829.) Hoje erraria quem, reproduzindo esses modelos, fizesse concordar com o objecto do verbo o particípio passado ou aoristo, empregado como elemento de formação de tempo composto. (1)

Usou-se, entre autores antigos, empregar, depois do *que*, ou do *como*, na formação de comparativos, o pronome pessoal com a flexão dos casos obliquos: “As cousas mais fortes *que ty* não buscaras”. (D. DUARTE: *Leal Cons.*, p. 63.) “Porque sois maior *que mim*?” (CAMÕES: *Obr.*, v. V, p. 129.) “Mais temida e presada *que ti*”. (AZURARA: *Chron. d’El-Rei Dom João I*, c. 1.) “Para o que ellas prestariam se fossem *como ti*?” (FERREIRA: *Com. de Bristo*, a. II, sc. 4.) “Quem tinha mais experiência do mundo *que ti*?” (*Id.*, a. III, sc. I.) “Não poderá elle mais *que ti*?” (*Id.*, a. IV, sc. 1.) De presente, bem que desse remoto fallar ainda se rastreiem vestígios na linguagem do povo portuguez, sob a fôrma: “Tem mais dinheiro *ca mim*”, “Sou mais velho *ca ti*”, não evitaria a nota de solecismo o escriptor, que ousasse destas phrases: “*Tão bom como ti*”, “*Melhor que mim*”. (2)

Aos verbos *prohibir*, *defender* (no mesmo sentido) e *impedir* juntaram os classicos muitas vezes a negativa, nesta fôrma: “*Prohibiu-lhes que não tivessem oiro*”. (VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 248.) “Pois se a fazenda comprada vos *impede que não vades ao ceu*”. (*Id.*, v. III, p. 190.) (“Dei-

(1) Não me parece que sempre incorram em erro os escriptores archaizantes. Ainda quando se despenham em excessos e demasias, fazem ao menos o beneficio de lembrar as riquezas esquecidas e não raro mal esquecidas do nosso idioma. (J. R.)

(2) *Presente mim*, disse AZURARA, *Cron. de El-rei D. João I*, c. 37: “Que vos façaes vossos filhos cavalleiros, *presente mi.*”

xando-se estar nos bateis para *defender que não* apagassem os inimigos o fogo das naos”. (Gons: *Chron. d'El-Rei D. Emmanuel*, p. II, c. IV, f. 91 v.) Actualmente esta redacção imprimiria á linguagem sentido precisamente contrario ao que então exprimia.

No escrever classico nem sempre se discernem, consoante aos significados especiaes de cada um, os adverbios *onde*, *aonde* e *donde*. Escreve-se muita vez *donde* por *onde*: “Como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens occasionam as maiores ausencias, dahi vem que *donde* se acha muito amor, e ausencia larga, as saudades sejam mais certas”. (D. FRANCISCO MANUEL: *Epanaphoras de Yria Historia Portug.*, p. 286.) “E os annexeristas *donde* irão que está o ponto?” (*Id.*: *Feira de Annexerins*, p. 183.) “A perguntar-lhe *de onde* o sabia.” (BERNARDES RIBEIRO: *Men.*, c. 15, p. 126.) “Em uma casa palhoça, detraz de outras, *d'onde* elle estava.” (*Id.*, c. 27, p. 199.) “Sobre a cabeceira *d'onde* pobremente estava encostado.” *Id.* p. 200.) “Lembrou-se logo do lugar *d'onde* ella estivera assentada.” (*Id.*, c. 28, p. 209.) “A bolsa *donde* as levava mettidas estava fechada.” (VIEIRA: *Inedit.*, v. II, p. 158.) *De onde* forçosamente se seguiria a total ruina de seus estados.” (*Ib.*, v. I, p. 206.)

Algumas vezes *donde* faz de *aonde*, ou *para onde*: “Não tenho *donde* fugir.” (*Id.*, c. 18, p. 150.) “Já inclinada para aquella parte *donde* o esposo ia.” (*Id.*, c. 30, p. 219.) Mais frequentemente, porém, a troca é de *aonde*, por *onde*, ou de *onde* por *aonde*: “D'alli se foi logo *onde* estava o arcebispo.” (SOUSA: *Vida do Arc.*, I, II, c. 20.) “A sahida das Lombas, *aonde* se deteve grande espaço.” (SOUSA: *Ann.*, p. 187.) “E vós *aonde* a vistes?” (JORGE FERREIRA: *Eufros.*, a. I, sc. I.) “Deus meu, *onde* me mandaes?” (VIEIRA: *Serm.*, v. II, pagina 253.) “A poucos passos haviam de achar o Messias. *E aonde*?” (*Id.*, v. V, p. 119.) “Que te vi já, não me lembra *aonde*.” (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 386.) “Que *aonde* a gente põe sua esperanza.” (CAM.: *Lus.*, I, 105.) (1) Mas actual-

(1) SOUSA: *Annaes de D. João I*, p. 38, 281, 333. BRITO: *Monarchia Lusitana*, v. I, p. 7. D. FRANCISCO MANUEL: *Feira de Annex.*, p. 109, 116. VIEIRA: *Serm.*, v. IX, p. 82. *Obr. Ineditas*, v. II, p. 106, 107, 130, 154, 157, 168, 180. FERREIRA: *Obras*, v. II, p. 466, 481. BARROS: *Dec. I*, v. I, 31; CAMÕES: *Lus.* II, 59, VIII, 94, IX, 3.

mente, apesar de alguns exemplos, bem raros, em classicos do seculo dezanove, como GARRETT, CASTILHO e LATINO COELHO (1), não escreveria correcto quem não discriminasse nitidamente, no uso d'esse adverbio, o logar *donde*, o logar *onde*, o logar *aonde* ou *para onde* (2), como AL. HERCULANO os discriminou neste passo: "Lá no céu, *aonde* ella subiu, e *onde* nosso pae acolheu no seio a sua infeliz filha". (*Monasticon*, v. III, p. 206).

Na tradição classica o pronome *quem* alludia assim a *coisas* como a *pessoas*: "Um tiro de fogo, contra *quem* não valem forças, nem esforço". (SOUSA: *Annacs*, p. 90.) "Não posso cuidar *quem* seja essa cousa." (JORGE FERR.: *Eufros.*, a. II, s. 19.) "Este galeão deu á vela meado março, e foi seguindo sua viagem, *a quem* tornaremos." (COUTO, *Dec.*, IV, c. 6, v. I, p. 37.) "Esta Braga, por *quem* este servo de Deus fez extremos." (SOUSA: *Vida do Arc.*, I, II, c. I.) "Reino e corôa, por *quem* tantos annos tão valorosamente batalhou." (*Ib.*, I, V, c. 1.) "Aquelles poderosissimos *vasos* de primeira navegação do Oriente, *a quem* os estrangeiros... chamaram carrácas." (VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 254.) "A soberba Europa, *a quem* rodeia... o Oceano." (CAM.: *Lus.*, III, 6.)

FILINTO ELYSIO ainda escreveu de modo semelhante, servindo-se do relativo *quem* allusivamente a *emporios* e *navios*. Mas hoje, a não ser que as *coisas*, por certa liberdade de rhetorica, recebam do escriptor uma personificação (3), erraria quem, referindo-se a ellas, usasse d'esse pronome.

(1) GARRETT: *Obr.*, v. XXII, p. 86, 212, 389. CASTILHO: *Colloq.*, pag. 61, 113. *Amor e Melancol.*, p. 307. LATINO COELHO: *Humboldt*, p. 265.

(2) C. DE FIGUEIREDO: *Lições Prat.*, v. I, p. 113; v. III, p. 111, 116, 129.

(3) Como nestas passagens de CASTILHO:

"E, em nau mudado, o pinheiro

Foi *quem* ensinou primeiro

Por sobre attonitas ondas

Funesto caminho abrir."

(*Amores*, v. II, p. 59).

O diuheiro é *quem* vivifica a agricultura".

Semelhantemente na *Arte de Amar*, v. I, p. 104, e nas *Geographicas*, p. 81.

De maneira analoga A. HERCULANO: *Eurico*, p. 244; *O Bôbo*, p. 46, 137; *Monge de Cister*, p. 357.

No escrever de outr'ora o conjunctivo *quem* podia levar ao plural o verbo, que regia, se representava um nome no plural, claro, ou occulto: "O aposentador da rainha, com outros d'el-rei de Castella, repartiam bairro a cada um, segundo *quem eram*". (FERNÃO LOPES: *D. João I*, p. I, c. 67.) Em nossos dias, porém, certo que não escaparia á censura dos grammaticos esse phrasear. (1).

Como varios outros bons autores de outra éra escrevia aquelle, a quem A. HERCULANO chamou "o pae da historia portugueza" e classificou entre os maiores poetas a par de HOMERO: "Viu... como todos andavam alevantados, que se poderia seguir *mais peor*". (FERNÃO LOPES: *D. João I*, p. I, c. 26.) Hoje seria erro ignobil cumular, a esse geito, as duas expressões comparativas. (2).

Os nossos classicos usavam indiscriminadamente *lhe* ou *lhes* em relação aos nomes no plural: "E' bem que vindo taes *embaixadores* a vós, que *lhe* faças muita honra." (FERN. LOPES: *D. João I*, p. I, c. 57.) "Muito mais o *serão* depois vendo que *lhe* houvestes medo." (*Id.*, p. II, c. 36.) "Se o

(1) C. DE FIGUEIREDO: *Liq. Prat.*, v. I, p. 263 — 4.

(2) Entre ás fórmãs classicas ha muito envelhecidas e extinctas, uma houve que não sei porque, passou despercebida até hoje aos estudiosos e aos scientes. Costumam todos designar por brasileirismo (e eu em tal conta sempre e tive, até não ha muito) o uso do pronome pessoal *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, como objecto do verbo: "*Eu vi elle*, *Eu deixei elle*". Dessa pratica, entretanto, bastantes caços se me deparam nos classicos mais antigos. Ex.:

"E el-rei sabendo isto, houve mui grande pezar, e deitou-o logo fóra de sua mercê e *degradou ELLE* e os filhos a dez leguas de onde quer que *elle fosse*." FERN. LOPES: *D. Pedro I*, c. 4.)

"Deu os bens d'alguns áquelles que lh'os pediam, os quaes se houveram por mui aggravados, dizendo que *culpava ELLES*, porque se davam tão azinha, não se podendo mais defender, aos inimigos." (FERN. LOPES: *D. Fernando*, c. 36.)

"El-rei mandou-o logo prender, e *levaram ELLE* e Matheus Fernandes a Sevilha." (*Ib.*, c. 46.)

"Rogando-lhe" (el-rei), "por suas cartas ao cardeal que *absolvesse ELLE* e seu reino d'algum caso d'excommunhão ou interdicto." (*Ib.*, c. 84).

"E ás horas que o infante velu foi recebido por uma mu-

rei houvesse mister das suas *gentes*, que el-rei *Ihe* dêsse licença e bom geito de ficarem." (*Id.*, c. 93.)

Extrema é a frequencia nos exemplos dessa confusão.

.....

Não era, portanto, erro, anomalia, caso fortuito, que escapasse aos bons. Não. O uso, arbitro de fallar, dera a essa flexão pronominal, um a par do outro, os caracteres de variavel e invariavel. Variavel, assignalava ella o plural, terminando em *s*. Invariavel, representava, sem se alterar, nomes no singular ou no plural. Com o tempo, a razão entrou a allumiar a pratica, infiel á razão e á clareza. Começaram-se de sentir a immutabilidade da fórma invariavel os seus inconvenientes, obscuridade nas referencias, as suas amphibologias, as suas confusões; e, pouco e pouco, inutil, inintelligivel desvantajosa, essa fórma descaiu para o esquecimento e o abandono".

lher de sua casa, e levado escusamente onde D. Maria estava, e elle, quando entrou, viu *ELLA* e seus corregimentos assim dispostos a receber por hospede." (*Id.*, c. 100.)

"Os cardeaes, outrosim, *privaram ELLE* d'algum direito, se o no papado tinha." (*Id.*, c. 108.)

"Traziam quatro honrados senhores um panno d'ouro tendido em hastes, que *cobria elle* e o cavallo." (*Id.*, c. 167.)

"Que em tal caso *houvessem ella* por sua rainha e senhora." (*Id.*, c. 158.)

"El-rei de Castella não vinha senão por passar seu caminho, e não por *cercar ELLES* nem outros." (FERN. LOPES: *D. João I*, parte 1.^a, c. 60.)

"Martim Annes veiu alli olhar como ia a hoste, trazendo já consigo muitos mais do que d'antes trouxera, e *nomeamos ELLE* mais que nenhum dos outros, porque elle principalmente era o que fazia fazer estas esperadas". (*Id.*, p. II, c. 65).

"Parecendo-me vai que esta nossa vinda aqui pera desastres foi, e não mais. Mas, assi de longe *os ordena ELLES* a ventura, que, logo ao começo, se não podem conhecer." (BERNARDIM: *Men. e Moça*, c. 23, p. 179.)

XIX

Analyse logica. — Relações (1)

Proposição é todo o agrupamento de palavras formando juízo.

A PROPOSIÇÃO contém dous elementos capitaes e indispensaveis: o *sujeito* e o *predicado*.

SUJEITO é o ser de que se affirma alguma cousa.

PREDICADO é aquillo que se affirma do *sujeito*.
Exemplos:

<i>Sujeitos</i>	<i>Predicados</i>
Os passaros	<i>voam</i>
A vida em Paris	<i>é cara</i>
O tempo	<i>consome as cousas</i>

Tanto o sujeito como o predicado dizem-se *logicos* quando vêm acompanhados das palavras que os completam.

Sujeito logico: *A vida em Paris.*

Suj. grammatical: *vida.*

Predicado logico: *consome as cousas.*

Pred. grammatical: *consome.*

(1) Nesfield, a meu vêr, reduz a analyse a muito pouco, classificando as phrases em *substantivas, adjectivas, adverbias, proposicionaes, conjuncionaes e interjeccionaes*. Só o *verbo* (finito) não tem equivalente em phrase e é por isso a palavra mais importante do vocabulario e indispensavel em todas as phrases anteriores.

Os nossos analyistas não se contentariam com essa parcimonia.